



UMA REVISTA NO GERÚNDIO

Marcos Paulo Santa Rosa Matos*

Por uma epistemologia do diálogo

A Análise do Discurso de linha francesa, herdeira de Foucault e filha de Pêcheux, provocou uma verdadeira revolução no campo das ciências humanas, ao mostrar que elas se relacionam não apenas pelos encadeamentos ontológicos entre seus objetos, mas, sobretudo, pela possibilidade de comunhão epistemológica entre suas abordagens. Afinal, língua, (in)consciência e história existem única e exclusivamente onde há o homem e onde ele se faz sujeito, discurso, ideologia.

Desde então, não é mais possível, sem o risco de cair nos reducionismos e simplismos academicistas, abordar as produções textuais e culturais humanas como simples produções do espírito, da subjetividade, da dimensão poética e transcendental dos indivíduos ou dos falantes-ouvintes-escretores-artífices ideais. Do mesmo modo, não se pode aquartelar o pensamento psicológico, antropológico, sociológico, jurídico, etc. em simples recortes da realidade humana – a *psiché*, o *ethos*, o *habitus*, o *jus*, a *oikos*, a *societas*... (o próprio ato de adjetivar o pensamento a partir de uma fragmentação disciplinar já revela o quanto distinção e divisão se confundem na ciência moderna).

Há uma urgência de recompor o *homos/humus* em sua integralidade. Mas não podemos deixar que a pressa faça sucumbir a ciência em meio a humores cancerígenos, pseudossaberes que se desenvolvem segundo uma lógica shivista¹ ou mesmo surrealista, numa busca tola pela percepção da “dança do mundo”, colocando num mesmo plano os movimentos dos elétrons, os caminhos dos homens e as trajetórias dos astros, e transformando a necessidade de compreensão do todo numa generalização apressada e vazia muito bem representada por adágios holísticos como “tudo está ligado a tudo”² e “O simples bater das asas de uma borboleta pode causar um tufão do outro lado do mundo”³.

É por isso que a complexidade de Capra, Morin e dos ecologistas místicos como Frei Betto e Leonardo Boff, et al., precisam ser relidos com a candeia da ciência, inclusive da ciência cartesiana... Não se pode esquecer que foram as luzes iluministas – fragmentárias, antiecológicas, mecanicistas, etc. – que nos livraram do Antigo Regime e da Bastilha. Talvez as luminárias contemporâneas, com suas

* Vice-Presidente do Diretório Acadêmico de Letras da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, graduando em Letras (Licenciatura) e em Direito (Bacharelado), na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

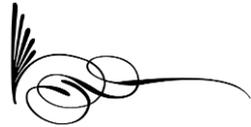
E-mail: mp.srmatos@hotmail.com

¹ Shiva, deus hindu (o Transformador, o Destruidor) participante da *Trimurti* (Trindade), juntamente com *Brahma* (o Criador) e *Vishnu* (o Preservador), manifesta-se como *Nataraja* (o Senhor da Dança), e com sua dança cósmica sustenta o ritmo infinito do universo, através dos ciclos de *sarga* (criação) e *pralaya* (destruição). Através dela, “suporta a fenomenologia multidimensional do mundo, unindo todas as coisas com o seu ritmo e fazendo-as participar na dança – uma imagem magnífica da harmonia dinâmica do universo” (Fritjof Capra, *O tao da física [The Tao of Physics]*, 1975).

² David Joseph Bohm, *A Totalidade e a Ordem Implicada [Wholeness and the Implicate Order]*, 1980.

³ Edward Norton Lorenz, *Fluxo determinista não periódico [Deterministic nonperiodic flow]*, 1963 (in: *Journal of the Atmospheric Sciences*, v. 20, n. 2, p. 130-141, mar. 1963).





florescências, fosforescências e infravermelhos, tragam uma luz exagerada aos olhos, e nos ofusquem, encobrendo o que está à frente de nós, ao invés de revelá-lo, e não podemos esquecer que a função da luz não é manifestar a si mesma.

Não podemos pressupor a relação universal entre todas as coisas como *primus principium* da verdade, como novo fundamento de uma lógica pós-moderna em que a identidade é expressa por $A = A + \infty$, critério de verificabilidade e de falseabilidade de uma ciência do “tudo”. Não! É preciso compreender que a complexidade do mundo não é tão simples assim, e que meia-dúzia de conceitos ou que sete saberes⁴ não dão conta da teia da vida⁵ e da obra do artista⁶.

A liquidez existencial do mundo e os modismos dos conhecimentos *fast-foods* não podem fazer com que adoremos novamente a consciência mítica e o misticismo holista, erguendo altares para teorias salvadoras. Aliás, para ser fiel à tradição ocidental e às mais profundas representações culturais da nossa sociedade, a salvação se inicia pela cruz e não pelo halo... As redes que se dobras e se redobram, se estendem, se multiplicam, se conectam, como os cânceres no corpo humano e as hordas nas estruturas sociais, não podem ofuscar o fato de que o *complexus*⁷ é um conceito redundante para as ciências humanas, que sempre se debruçaram sobre o *textus*⁸ com a consciência filosófica, ainda que mecanicista, de modo que não há como tecer em separado, e de que é a comunhão entre as partes que constitui o todo e que as partes são desprovidas de sentido e de funcionalidade quando estão separadas do todo. No dizer de Heidegger, só há o ser-apetrecho do apetrecho quando ele está no mundo (*Dasein*)⁹.

As Humanidades, filhas da Filosofia, nunca perderam de vista o problema do todo, e nossa literatura ocidental jamais fez cessar as palavras que Shakespeare enunciou através de Hamlet: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia”¹⁰, e sempre “Há algo de podre no reino da Dinamarca”¹¹. De modo que à ciência cai bem a admoestação cristã do “Vigiai para não entrardes em tentação”¹².

Mas se a teoria da complexidade, com suas pretensões inter-trans-poli-disciplinares¹³, mais aprofunda a crise da ciência moderna do que aponta caminhos possíveis a serem trilhados para o exterior da caverna da ignorância, não se pode negar que ela põe diante de nós, de modo agonístico, um problema gnosiológico fundamental: como relacionar de modo veraz compreensão e realidade, consciência e mundo, homem e terra, sem cair na tentação do mito xamânico da *sympatheia* universal ou das elucubrações metafísicas do “Tudo o que sobe, converge”¹⁴?

⁴ Edgar Morin, *Os sete saberes necessários à educação do futuro [Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur]*, 1999.

⁵ Fritjof Capra, *A teia da vida – Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos [The Web of Life – A New Scientific Understanding of Living Systems]*, 1996.

⁶ Frei Betto, *A Obra do Artista – Uma visão holística do universo*, 1995.

⁷ “Aquilo que é tecido junto”.

⁸ “Tecido, trama, entrelaçamento”.

⁹ Martin Heidegger, *A origem da obra de arte [Der Ursprung des Kunstwerks]*, 1977.

¹⁰ William Shakespeare, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca [Hamlet, Prince of Denmark]*, 1601, Ato I, Cena V.

¹¹ William Shakespeare, *Hamlet, Príncipe da Dinamarca [Hamlet, Prince of Denmark]*, 1601, Ato I, Cena IV.

¹² Mateus 26, 41a.

¹³ Edgar Morin, *A Cabeça bem-feita – Repensar a reforma, reformar o pensamento [La tête bien faite - Repenser la réforme, réformer la pensée]*, 1999.

¹⁴ Pierre Teilhard de Chardin, *O fenômeno Humano [Le Phénomène Humain]*, 1955.





Essa é uma questão onipresente na história humana: em algum momento duvidamos se estamos no estado de sono ou de vigília, e quais os limites da nossa capacidade cognoscente. A tradição aristotélica de que somos tributários, nos aconselha a procurar o equilíbrio, o caminho do meio, aquele que não nos vicia em uma verdade única – “tudo está ligado a tudo” – nem nos faz negar a possibilidade da verdade – “Nada é; se fosse, não seria conhecível; se fosse conhecível, não seria comunicável; se fosse comunicável, não seria compreensível”¹⁵. Dito de outro modo, somos convidados a pensar a partir da pluralidade das verdades – ou das propostas de verdade –, e a rejeitar os monismos mitificadores¹⁶.

Por isso é fundamental a proposta epistemológica da Análise do Discurso, que nos convida a pensar a linguagem como discurso, e o discurso como concretude histórica, como interdiscurso. Ela não supõe uma sinfonia cósmica, nem exige fraternidade entre tufões e borboletas, mas coloca diante da ciência uma mesa-redonda onde Linguística, Psicologia, Sociologia, História, Antropologia, etc. podem sentar-se e dialogar. Ela é uma importante prova de que interdisciplinaridade pode fazer-se através da dialética, do trabalho conjunto entre ciências que não perdem sua especificidade em um universo *trans*, mas que se enriquecem mutuamente pelo compartilhamento dos saberes construídos – saberes específicos, parciais, transitórios...

É a partir da referência da interdisciplinaridade discursiva e da interdiscursividade que a Revista Letrando se propõe como um espaço de diálogo pluridisciplinar, onde complexidade e cartesianismo são bem-vindos, desde que estejam devidamente fundamentados em métodos e conceitos razoáveis¹⁷, onde as Ciências da Linguagem e da Arte possam se encontrar com as demais Ciências Humanas, e, todas juntas, com as Ciências Sociais Aplicadas, sem qualquer pretensão “totalitária”, porque já sabemos que a unidade do discurso é uma ficção sustentada pelas formações ideológicas para conferir legitimidade, autoridade e significado às formações discursivas, e uma tentação provocada por nossas formações imaginárias¹⁸.

Embora não se trata de uma revista dedicada aos estudos discursivos, está tecida e entrecortada pelos discursos, porque “*dis-cursus* é, originalmente, a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, *démarches*, intrigas”¹⁹. O que ela pretende é mobilizar esses discursos, movendo-os uns em direção aos outros, com e contra, como um espaço científico e filosófico para se reformar o pensamento e repensar a reforma, mas sem a pretensão arantiana de partir do zero²⁰ e construir uma Babel moderna livre da confusão das línguas e capaz de parar a história e conferir-lhe um novo movimento. Antes, reconhece que todas as línguas são legítimas e que “Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade”²¹.

Não aos monologismos e monolinguismos. Viva a dialogia e a profusão das línguas!

¹⁵ Górgias de Leontinos, *Tratado do Não-Ser [De Natura]* apud: Sexto Empírico, *Contra os Matemáticos [Adversus Mathematicus]*, VII, 65 ss; Pseudo-Aristóteles, *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias [De Melisso, Xenophane, Gorgia]*.

¹⁶ Para aprofundamentos no tocante à crítica à complexidade, vide Marcos Paulo Santa Rosa Matos, *Um discurso sobre o método – A teoria da complexidade e a técnica da problematização adotadas pela Faculdade Ages*, 2012 (in: Revista Urutágua, n. 26, maio 2012).

¹⁷ Sobre razoabilidade, vide Eric Weil, *Lógica da Filosofia [Logique de la Philosophie]*, 1950.

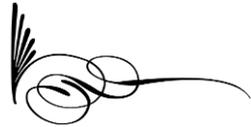
¹⁸ Slavoj Žižek in: *A vida examinada [Examined Life]*, 2008 (documentário dirigido por Astra Taylor).

¹⁹ Durval Muniz de Albuquerque Júnior, *A invenção do nordeste e outras artes*, 1999.

²⁰ Paulo Eduardo Arantes, *O fio da meada*, 1996.

²¹ *Declaração universal dos direitos linguísticos*, art. 7º.





“Camínero no hay camino, el camino se hace al caminar”

Essa frase de Antônio Machado²², de que sempre faz uso também Morin, como uma espécie de lema existencial, para definir seu próprio método de trabalho e sua vida, nos convida a pensar o quanto as inquietações são importantes, e o quanto as respostas prefixadas podem ser nocivas. Por isso, enquanto conhecedores do mundo, nunca somos – no sentido de um já-ser/jazer –, mas sempre estamos sendo, e talvez essa consciência da incompletude e da transitoriedade esteja na raiz do gerundismo que tem se manifestado no português brasileiro, para assombro dos gramáticos mais puristas. Afinal, uma esperança e um desejo que une a todos, é o de que futuro seja um tempo em que *vamos estar caminhando...*

A metáfora do caminho nos obriga a uma consciência histórica: a de que a trajetória é feita de uma sucessão de passos, e a de que cada posição não tem um valor em si mesmo... É a reunião de passos, com suas divagações, hesitações, saltos, sucessões, progressos e recuos, que dá direção e sentido à trajetória. Por isso, somos gratos ao trabalho de **Claudiano Soares Santana**, pioneiro do movimento estudantil na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, e fundador do nosso Diretório Acadêmico de Letras (DAL); a **Adriana Vidal dos Santos**, **Ana Maria Ferreira de Oliveira**, **Edijane Oliveira Santos**, **Eugênio Fontes Rabelo**, **Joana Graziella Benício dos Santos**, **José Souza dos Santos**, **Kátia Rabelo de Souza**, **Liliane Santos da Silva** e **Mateus Andrade Silva**, que, junto conosco, trabalharam duro na reativação do DAL, na mobilização estudantil e na luta pelo fortalecimento da identidade do curso de Letras, e nos primeiros delineamentos de uma publicação científica do DAL, sempre inquietos com a possibilidade/necessidade de mudanças e melhorias no Colegiado de Letras.

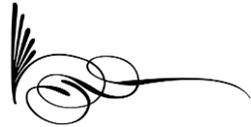
Estendemos também os nossos agradecimentos aos professores do Colegiado de Letras, pelo compartilhamento do carinho e da sabedoria, e pelo incentivo que sempre deram aos estudantes de Letras e, de modo particular, ao DAL, desde os seus primeiros passos. De modo particular, citamos Prof. **Jailson Almeida Conceição**, pelas palavras firmes no sentido de motivar os alunos a comprometer-se seriamente com o estudo e a pesquisa, e a rejeitar qualquer proposta de mediocridade intelectual; Prof. **Glaydston Dantas Machado de Figueiredo**, eterno mestre-amigo dos estudantes de Letras, por nos encantar com sua paixão pela linguagem das literaturas e das relações humanas; Prof.^a **Gilza Andrade Cruz**, por nos chamar à luta, nos instigar a assumir uma participação ativa na construção do Colegiado de Letras; Prof. **Jean Paul D’Anthony Costa e Silva**, por sua contribuição científica e política para o DAL, em sua rápida, mas intensa e frutuosa, passagem pela Faculdade Ages.

Registramos e agradecemos o apoio institucional que o DAL tem recebido na Faculdade Ages, sobretudo do Prof. **Rusel Marcos Batista Barroso**, sempre pronto a nos ouvir e orientar, e ativo colaborador das nossas iniciativas, e do Prof. **Jaldemir Santana Batista**, com quem trabalhamos em parceria, na idealização e gestão das proposições e ações do Colegiado de Letras.

Nossa gratidão também aos professores que solicitamente aceitaram o convite de integrar a Comissão Editorial da Revista Letrando: Prof.^a **Deborah Andrade Leal**, Prof.^a **Grasiela Oliveira**

²² Antonio Machado Ruiz, *Campos de Castilha*, 1912, Proverbios y cantares XXIX: “Caminante, son tus huellas / el camino, y nada más; / caminante, no hay camino, / se hace camino al andar. / Al andar se hace camino, / y al volver la vista atrás / se ve la senda que nunca / se ha de volver a pisar. / Caminante, no hay camino, / sino estelas en la mar”.





Santana da Silva, Prof. João Freire de Andrade, Prof. José Marcelo Domingos de Oliveira, Prof.^a Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa, Prof. Santiago Silva de Andrade, Prof.^a Suzana Almeida Araújo, Prof.^a Tanise Zago Thomasi; além dos já citados e do Prof. David Lopes de Souza, a quem fazemos uma menção especial, em virtude da intensa colaboração que nos foi dada e do diálogo fecundo que foi mantido conosco, e, inclusive, a quem o DAL prestou a sua primeira homenagem²³.

O nosso muito obrigado também a todos os autores que submeteram manuscritos à nossa Revista, que confiaram na nossa proposta e tornaram possível a sua concretização. Infelizmente não foi possível publicar todos: é que estamos sempre em crescimento e alguns frutos precisam amadurecer mais, se colhemos antes comprometemos a semente.

Continuamos contando com todos vocês! Já temos, no dizer de Malinowsky²⁴, um corpo completo, com esqueleto, carne, sangue e espírito, mas a vida supõe também movimento e dinamicidade, permanência e evolução.

Primeiros colóquios

A 1ª edição da Revista Letrando possui como característica primordial a pluralidade, que se faz presente nas temáticas, nas abordagens, nas áreas de formação dos autores e nas suas vinculações institucionais, enfim, nos diversos atos e contextos de leitura e de escritura da palavra e do mundo. É a partir dessa diversidade de vozes que cremos na fecundidade do diálogo e na pertinência do *letrar*.

Resistindo à tentação da unidade e da síntese, no sentido de apresentar um percurso de leitura e uma descrição sumária dos artigos que compõem este volume, deixamos que os textos faleem por si mesmos, e que possam ser apreciados sem antecipações impertinentes, ao mesmo tempo em que desejamos a todos uma *boa leitura!*

²³ A 1ª Diretoria do DAL decidiu denominá-lo **Diretório Acadêmico Prof. David Lopes de Souza**. O registro dessa decisão, porém, perdeu-se nos arquivos do DAL, e só foi conhecida muito tempo depois de sua reativação, e da aprovação de novo Estatuto.

²⁴ Bronislaw Kasper Malinowski, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental [Argonauts of the Western Pacific]*, 1922.

